

BREVE ANÁLISE DE JESUS SOB A ÓTICA ISLÂMICA

Geovani José da Silva⁷

Marcílio Oliveira da Silva⁸

RESUMO

Jesus é alvo de atenção de muitos campos além do religioso. A visão cristã, por ter uma dimensão mundial, possivelmente é uma das percepções mais conhecidas. Entretanto, é válido salientar que não é a única. Cada conhecimento tece suas reflexões mediante seus objetivos e compreensões. Por exemplo, historicamente temos a comprovação de que existiu um Jesus de Nazaré, esta percepção observa a pessoa de Jesus e sua presença na história, contudo, não trata especificamente sobre sua divindade. Semelhante aos conhecimentos, também no espaço religioso, Jesus, é uma persona que ocupa um significativo espaço e está ligado a três religiões mundiais: Cristianismo, Judaísmo e Islamismo. O Judaísmo foi a religião adotada por ele, o Cristianismo que é a congregação de seus seguidores e o Islamismo que referencia Jesus. Dessa maneira, em vista de uma cultura do respeito, ou do diálogo, conhecer a visão do Islamismo sobre Jesus é uma maneira de poder conhecer o “outro”. Isso, partindo do pressuposto que a empatia e a alteridade são alicerces para a vivência em comunidade/sociedade, seja no ambiente religioso ou não. Nesse intuito, ao perceber a maneira particular com a qual podemos compreender, tecemos este estudo com o objetivo compor uma breve análise a respeito da visão islâmica sobre Jesus. Para a consolidação da pesquisa, tomamos como abordagem a qualitativa, o método dedutivo e como recurso a técnica bibliográfica. Sob a luz de Cláudio Blanc (2017), Marinela Chauí (1997) e o Sagrado Alcorão organizamos o estudo em três seções que são respectivamente: o contexto monoteísta; o Islamismo e Jesus sob a ótica islâmica.

PALAVRAS-CHAVE: Jesus. Profeta. Islamismo. Cultura do respeito.

1 INTRODUÇÃO

Jesus é alvo de atenção de muitos campos além do religioso. Cada conhecimento tece suas reflexões mediante seus objetivos e compreensões. Não difere também no espaço religioso, Jesus, é uma persona que centralmente logo é ligado ao Cristianismo, no entanto, também possui relações com o Judaísmo como com o Islamismo.

⁷ Graduado em Letras Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, e bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte – FCRN. E-mail: geovani.j@hotmail.com

⁸ Graduado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2012), graduação em Teologia pela Faculdade Diocesana de Mossoró (2016) e mestrado em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (2018). Atualmente é professor da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte. E-mail: marcveni4312@gmail.com

Em vista de uma cultura do respeito e do diálogo, conhecer a visão do Islamismo sobre Jesus é uma maneira de poder conhecer o “outro”. Isso, partindo do pressuposto que a empatia e a alteridade são alicerces para a vivência em comunidade/sociedade, seja no ambiente religioso ou não.

Desse modo, tecemos este estudo com o objetivo apresentar uma breve análise a respeito da visão islâmica sobre Jesus. Para a consolidação da pesquisa, tomamos como abordagem a qualitativo, o método dedutivo e como recurso a técnica bibliográfica. Sob a luz de Cláudio Blanc (2017), Marinela Chauí (1997) e o Sagrado Alcorão organizamos o estudo em três seções que são respectivamente: o contexto monoteísta; o Islamismo e Jesus sob a ótica islâmica.

2 O CONTEXTO MONOTEÍSTA

O homem naturalmente experienciou o Sagrado. Conforme Marilena Chauí (1994, p. 297), “O sagrado é uma experiência da presença de uma potência ou de uma força sobrenatural que habita algum ser - planta, animal, humano, coisas, ventos, águas, fogo”. Partindo desse pressuposto sobre a relação do homem consigo, com outro e com a natureza, perpassando também o impasse do “mistério”, as pessoas pouco por vez foram se organizando e consolidando suas reflexões, experiências e crenças.

Dessa maneira surge a religião⁹, este espaço que não propriamente precisa ser físico, pelo qual pessoas se reúnem e compartilham sua vivência que pode ser comum aos demais ou não. Além de ser um elemento que marca o espaço na construção social da sociedade, de acordo com Chauí (1994), a religião também qualifica o tempo. Em outras palavras, ela é um dos instrumentos que narram origem, que demarcam o princípio de tudo.

Nesse ensejo sobre a relação do homem como o Sagrado e com a religião, uma característica inicial que destacamos é como estas se desdobram. A princípio as religiões

⁹ “A palavra religião vem do latim: *religio*, formada pelo prefixo *re* (outra vez, de novo) e o verbo *ligare* (ligar, unir, vincular). A religião é um vínculo. Quais as partes vinculadas? O mundo profano e o mundo sagrado, isto é, a Natureza (água, fogo, ar, animais, plantas, astros, pedras, metais, terra, humanos) e as divindades que habitam a Natureza ou um lugar separado da Natureza” (CHAUI, 1994, p. 297).

eram politeístas, eles compreendiam que existiam vários deuses e mediante a cada “necessidade” ou realidade os invocavam pedindo-lhes ajuda. Assim, os próprios elementos da natureza são reconhecidos como divindades, como também, há um antropomorfização, divindades que entre suas características possuem traços humanos.

É deste contexto politeísta, que perdurou por longínquo espaço de tempo, que surge o monoteísmo. Foi somente XVIII séculos antes de Cristo que surgiu a revolucionária primeira expressão do que se compreende como monoteísmo.

Como fruto da experiência/relação de Abraão com o Deus verdadeiro, é que se surge a compreensão da unicidade de Deus e que só a ele se deve prestar culto. Dessa maneira, Abraão tornou-se o pai dos povos que posteriormente formularam a religião Judaica, Islâmica e também o Cristianismo.

3 O ISLAMISMO

De maneira geral, todo o povo da Península Arábica possuía na antiguidade o sistema tribal como elemento constitutivo da ordenação dos clãs, dessa maneira, não havia uma unificação, contudo, todos os povos compartilhavam o idioma, o árabe, e possuía a mesma etnia, eram descendentes de Abraão.

Embora houvesse diferenças culturais pela proximidade ao patriarca Abraão, todos eles também possuíam em comum a rigurosidade com influência judaica, pois é dele que nasce o judaísmo. Quanto à religião, embora reconhecessem Alá como Deus supremo, eles adoravam deuses inferiores¹⁰. A exemplo disto, cada tribo possuía seu próprio ídolo.

Além disso, na Península Arábica “não havia uma organização ou instituições políticas, nem mesmo um sentimento nacional” (BLANC, p.77). Deste contexto surge Maomé/ Mohammad¹¹, aquele que posteriormente foi reconhecido como o fundador do

¹⁰ “(...) porém não deixavam de adorar uma infinidade de deuses inferiores, os djins, ou gênios - como o da lâmpada de Aladim - e, por meio de imagens ou totens, continuavam a cultivar o politeísmo de seus ancestrais” (BLANC, p.76)

¹¹ “Estima-se que ele tenha nascido em 570, no clã dos haxemitas, classe pobre da poderosa tribo dos coraixitas. Seu pai, Abd Allah, tombara numa batalha antes de seu nascimento, e sua mãe, Amina, morreu quando ele tinha cerca de 6 anos. Outras fontes, porém, afirmam que ela teria morrido semanas após o

Islamismo. Ele sonhava com a união de seu povo, uma só língua, raça e religião, constituindo desta maneira uma identidade comum a eles.

Desde cedo Maomé, era um homem religioso. Agraciado por Alá, ele teve algumas visões que posteriormente são escritas e formam o Alcorão Sagrado. A partir da primeira visão, o profeta desenvolveu uma ação em vista da conversão de sua família, posteriormente de um grupo pequeno que se convertiam à nova fé.

Dentre as mudanças desta nova fé, estava centralmente a figura de Alá como único Deus, contudo, este não tinha aparência física, embora estivesse em todos os lugares, difundindo dessa maneira o monoteísmo na cultura da península. Rompendo dessa maneira com os ídolos e deuses inferiores comuns às tribos.

Em consequência à disseminação desta nova fé, os líderes religiosos da época ficaram furiosos, o novo entendimento prejudicava o tanto no aspecto religioso como econômico, assim, o perseguiram na tentativa de silenciá-la.

Com o passar do tempo, Maomé alcançou seu objetivo, em 360 estava em consolidação o Estado Árabe, o seu povo tinha uma nação, como também uma religião, ambas guiadas por ele. Conforme a tradição, dois anos depois, em Jerusalém, o profeta foi elevado aos céus em uma nuvem que vinha pelo Domo da Rocha.

4 JESUS SOB A ÓTICA ISLÂMICA

Na *Al Bâcara*, segunda Surata, encontramos:

Concedemos o Livro a Moisés, e depois dele enviamos muitos mensageiros, e concedemos a Jesus, filho de Maria, as evidências, e o fortalecemos com o Espírito da Santidade. Cada vez que vos era apresentado um mensageiro, contrário aos vossos interesses, vós vos ensoberbecíeis! Dessentíeis uns e assassináveis outros. (ALCORÃO, 2: 87)

nascimento do filho. De qualquer forma, o órfão passou para a guarda do tio Abu Talib, da tribo coraixita. Desde cedo ajudando o tio, Maomé acabou se tornando condutor de caravanas, atravessando o deserto e mantendo contatos com judeus e cristãos, de quem sofreu profundas influências religiosas” (BLANC, p.77).

Conforme o entendimento mulçumano, Jesus é um homem, filho de Maria, que foi enviado por Deus. Mesmo que seja um curto versículo, o supracitado, nos evidencia os 2 elementos centrais que norteiam a visão do Islamismo sob Jesus, a sua natureza e missão.

Começemos, pois, com a natureza de Jesus. No Alcorão inteiro são citadas 16 vezes essa expressão “Jesus, o filho de Maria”, neste dito está subentendido um simples fator que comumente passa até despercebido. Se ele é filho de Maria, Maria é uma mulher/humana, logo ele é um humano. Dessa maneira, Jesus como homem é parte da obra criadora de Deus, no entanto em nada se assemelha ao Criador¹². Afinal, conforme o Alcorão 4: 157, tudo pertence a Deus, assim, a possibilidade de ter filhos e algo longe, “não necessário”.

Na condição de homem, Deus o escolheu para ser um de seus profetas. A ele (Jesus), foi confiada a missão de ser um mensageiro¹³, anunciar aquilo que Deus o havia revelado. Por esta missão, ele anunciou ao seu povo e lhe chamou à conversão.

Ao pensar na missão de Jesus, é preciso fazer um adendo quanto a algumas incompreensões, dentre elas podemos citar a relação dele, o espírito e Deus. Conforme a *Al maída*¹⁴ “São blasfemos aqueles que dizem: Deus é um da Trindade!, portanto não existe divindade alguma além do Deus-Único. Se não desistirem de tudo quanto afirmam, um doloroso castigo açoitará os incrédulos entre eles” (ALCORÃO, 5: 73). Deus é único, não há nada e nem ninguém que se iguale a Ele, dessa maneira, a compreensão de Trindade, desordena a compreensão que se tem sobre Deus.

No curso da missão de Jesus, uma narrativa muito conhecida é a sobre sua crucificação. Todavia, conforme o Alcorão:

¹² “É o Originador dos céus e da terra, (foi) Quem vos criou esposas, de vossas espécies, assim como pares de todos os animais. Por esse meio vos multiplica. Nada se assemelha a Ele, e é o Oniouvinte, o Onividente” (ALCORÃO, 42:11)

¹³ “Os adeptos do Livro, não exagereis em vossa religião e não digais de Deus senão a verdade. O Messias, Jesus, filho de Maria, foi tão-somente um mensageiro de Deus e Seu Verbo, com o qual Ele agraciou Maria por intermédio do Seu Espírito. Crede, pois, em Deus e em Seus mensageiros e digais: Trindade! Abstende-vos disso, que será melhor para vós; sabeis que Deus é Uno. Glorificado seja! Longe está a hipótese de ter tido um filho. A Ele pertence tudo quanto há nos céus e na terra, e Deus é mais do que suficiente Guardião” (ALCORÃO, 4: 157) [grifo nosso].

¹⁴ Significa “a mesa servida”.

E por dizerem: Matamos o Messias, Jesus, filho de Maria, o Mensageiro de Deus, embora não sendo, na realidade, certo que o mataram, nem o crucificaram, senão que isso lhes foi simulado. E aqueles que discordam, quanto a isso, estão na dúvida, porque possuem não conhecimento algum, abstraindo-se tão-somente em conjecturas; porém, o fato é que não o mataram. (ALCORÃO, 4: 157)

A crença islâmica entende que Jesus não morreu na crucificação, na verdade, houve uma simulação da morte de Jesus. Afinal, embora se considerasse a possibilidade de ser crucificado não teria ação salvífica alguma, pois, tão somente Deus é o Salvador¹⁵.

De acordo com *An nissá*, “Outrossim, Deus fê-lo ascender até Ele, porque é Poderoso, Prudentíssimo” (ALCORÃO, 4: 158). Deus fez Jesus ascender a Ele e no Dia da Ressurreição será uma testemunha que acusará sobre o que está fora da vontade de Deus¹⁶. Dessa maneira, Jesus, assim como Maomé, estão com Deus e aguardam o tempo se complete.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerramos o estudo cientes de que, conforme o Islamismo, Jesus, filho de Maria é importante homem chamado por Deus a ser um mensageiro para seu povo. Este profeta, servo do Deus único, teve como missão anunciar a vontade de Deus e orientar o povo em meio às realidades e adversidades. Completou a missão até o tempo oportuno e Deus o elevou.

¹⁵ “Ele é Deus; não há mais divindade além d'Ele, Soberano, Augusto, Pacifico, Salvador, Zeloso, Poderoso, Compulsor, Supremo! Glorificado seja Deus, de tudo quanto (Lhe) associam!” (ALCORÃO, 59: 23)

¹⁶ “Nenhum dos adeptos do Livro deixará de acreditar nele (Jesus), antes da sua morte, que, no Dia da Ressurreição, testemunhará contra eles” (ALCORÃO, 4: 159).

6 REFERÊNCIAS

ALCORÃO sagrado. São Paulo: Tangará, 1975. Versão portuguesa diretamente do árabe por Samir El Hayek / ALCORÃO.

BLANC, C. O Islamismo In: **A história das religiões**. São Paulo, 2017.

CHAUÍ, Marilena. O mundo da prática In: **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1994.